

Collor toma posse numa Brasília diferente

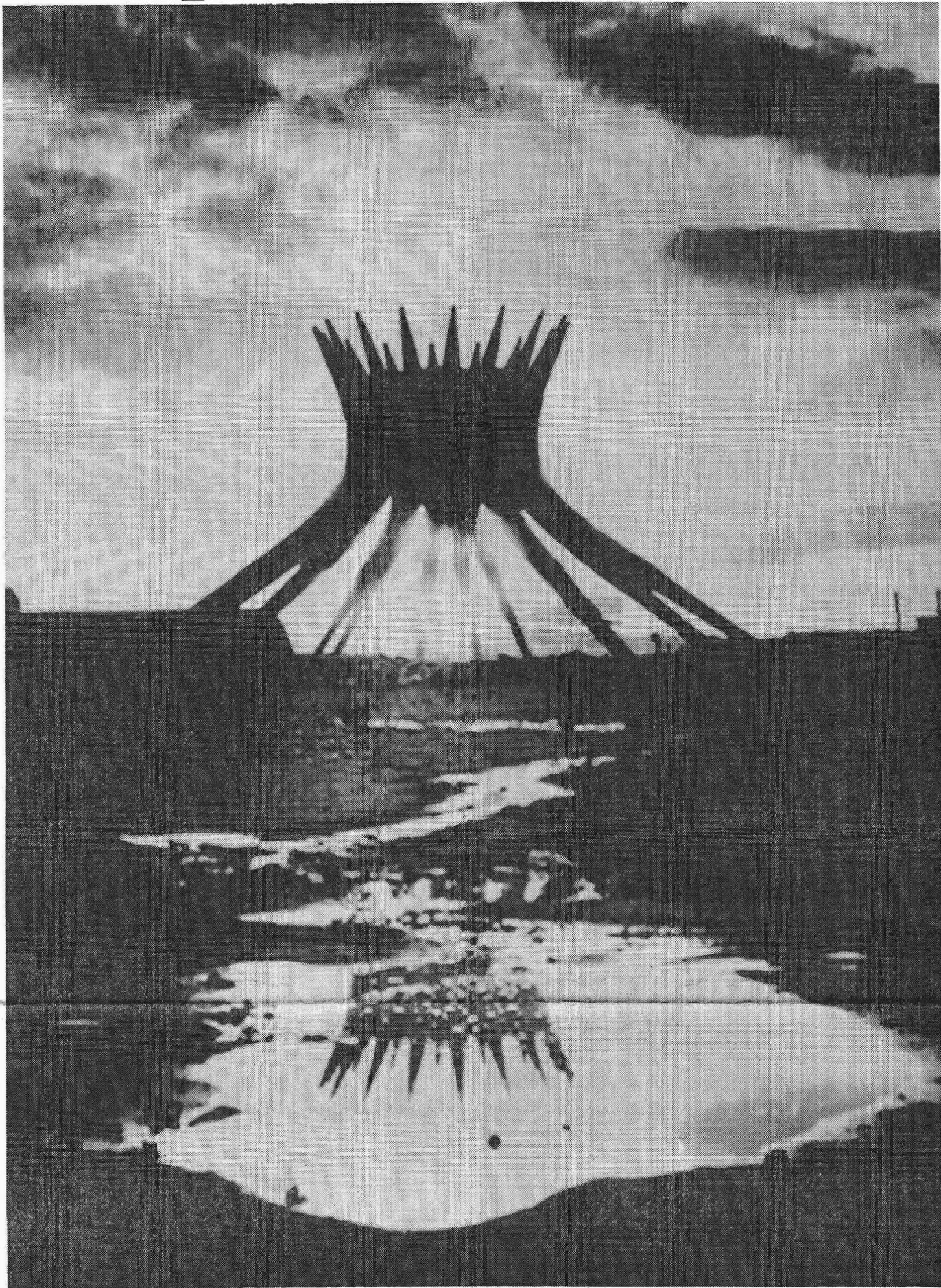
MARLENE GALLEAZZI

Quem assistiu à posse de Jânio Quadros, o último presidente eleito pelo voto direto, em 31 de janeiro de 1961, e volta agora a Brasília para acompanhar a de Fernando Collor terá a sensação de ter caminhado muito mais que os 29 anos que separam as duas cidades. Em 1961, a Capital recém-construída, com seus 167 mil habitantes, era um imenso canteiro de obras, com espaços vazios e esqueletos de prédios. Em 1990, Brasília é uma cidade consolidada, com quase dois milhões de habitantes e 90 mil empresas, que empregam cerca de 400 mil pessoas.

A cidade enfrenta os mesmos desafios de outros grandes centros do País como as favelas, que são chamadas de invasões e cercam o Plano Piloto, onde vive o poder e a classe média e funciona a máquina governamental. Depois de quase 30 anos, a cidade experimenta um clima de expectativa diante do primeiro governo eleito pelo voto popular.

A poeirenta Esplanada dos Ministérios de 1961, que desagradou a maioria dos convidados da posse de Jânio, é hoje um jardim cortado por vias asfaltadas ligando os prédios da administração federal. Além dos transtornos causados pela poeira, Jânio enfrentou problemas também para acomodar seus convidados no único hotel pronto na ocasião — o Brasília Palace —, depois destruído por um incêndio. Atualmente, a Capital dispõe de 89 hotéis.

Collor, no entanto, enfrenta uma dificuldade semelhante à que Jânio teve: a falta de residências para sua equipe, embora hoje existam 10.750 imóveis da União, pois muitos estão ocupados de forma irregular.



Museu Gondim

Catedral de Brasília em 1961: uma cidade ainda em construção à época da posse de Jânio Quadros